

## Renovação do cinema propõe o grupo da “Escola de Nova York”, 15 abr. 1962

Vladimir Herzog, Enviado especial  
*O Estado de S. Paulo*, 15 abr. 1962

MAR DEL PLATA – Nas exibições que se sucederam fora do programa do Festival de Cinema, destacaram-se algumas dedicadas às últimas obras de cineastas jovens e a filmes “comercialmente inviáveis”, a chamada “produção maldita” que, bem ou mal, continua felizmente existindo em muitos países, destacando-se geralmente sobre o grosso da produção “bendita”. Não há dúvida que, até certo ponto, este tipo de cinema pode ser denominado experimental, se pelo termo entendermos a atividade descontínua, sujeita a toda sorte de obstáculos técnicos e econômicos.

Um dos surtos, pelo menos quantitativamente mais importantes, deste tipo de cinema, verificou-se presentemente nos Estados Unidos, onde alguns jovens – e mesmo alguns madurões – estão tentando criar fora das normas consagradas da grande produção “box office”. Por referência, já sabemos da existência de um Rogosine com o *The Bowery* e *Come back Africa*, de Robert Frank com *Pull my daisy*, de John Cassavetes com o seu já famoso  *Shadows*. Fala-se muito de aperfeiçoamentos tecnológicos como a câmara de Richard Leacock, registradora de imagem e som e das disputas em torno de *The connection* de Shirley Clarke, cujos distribuidores querem fazer-lhe nada menos de 25 cortes.

### O filme de Mekas

Neste grupo – que já tem um rótulo: “A escola de Nova York” – vimos em Mar del Plata. *Guns of the trees*, uma experiência de Jonas Mekas, que aqui esteve. Homem franzino e tímido, falando em inglês cheio de sotaque, Mekas diz que seu filme “não é uma experiência dramática”. “Usei a câmara como os pintores abstratos usam as gamas, sem um tema definido, esperando ter expri-mido algo de minha insatisfação de meu inconformismo.”

Montado fora dos padrões tradicionais, *Guns of the trees* desenvolve diversas cenas de documentários (greves, demonstrações antirraciais etc.) ligados por duas singelas histórias de amor. O comentário oral (a fita tem pouquíssimos diálogos) resume-se na recitação de alguns poemas de Shelley, John Galsworthy e do próprio Mekas. Pelas suas implicações ideológicas é difícil exprimir um juízo sobre o filme sem uma visão de outras obras do grupo. A fim de permitir ao leitor formar uma ideia própria, transcrevemos trechos do manifesto de Jonas Mekas (que é também diretor da revista *Film Culture*) sobre *Guns of the trees*. Intitula-se “Enquanto esperamos”.

### O Manifesto

“Você pode perguntar-se o que vem a ser *Guns of the trees*, qual é a história.

“Não há história. Contar histórias é coisa que fazem as pessoas pacíficas e satisfeitas. E

nessa conjuntura de minha vida não estou satisfeito nem sou pacífico. Sou profunda e totalmente descontente.

“Sim, os artistas estão abandonando as histórias bonitas, felizes, entretenedoras e autoglorificadoras. Estão começando a manifestar sua ansiedade de uma forma mais aberta e direta. Tentam encontrar uma forma mais livre, que lhes permita uma escala maior de manifestações emocionais, explosões de verdades, gritos de advertência, acumulações de imagens – não com a finalidade de elaborar uma história divertida, mas para manifestar plenamente as perturbações da consciência do homem, para confrontar-nos abertamente com a alma do homem moderno.

“... Há muitas coisas que não são ditas, que devem ser ditas, ou melhor, gritadas! E não se deixe iludir, não confunda a indignação do poeta com histerismo. Quando se ouve um poeta gritar deve-se pensar na própria existência que está em perigo.

“... Aqueles entre meus amigos que conhecem meu período lírico estão-se voltando contra mim. Olhe o que está acontecendo; você deveria estar escrevendo sobre a chuva, o outono, o amor – dizem eles.

“... Outros me reprovam por não oferecer soluções-respostas. Que Federico Fellini fale por mim: ‘Creio que seria imoral apresentar uma solução pré-fabricada. Eu mesmo não encontrei uma solução final e creio que estaria acabado no dia em que encontrasse uma. Não tenho convicções nem vejo coisa alguma claramente; seria desonesto emprestar aos personagens de minhas fitas qualidades de que careço. É mais honesto atormentar o espectador, levando-o a meditar, do que oferecer-lhe uma solução eufórica a qualquer preço.’

“Em outras palavras, meu filme não se ergue acima de seu material. Ele apenas apresenta e delinea áreas de ansiedade em lugar de resolvê-las, faz com que a luz vermelha pisque. É minha meditação sobre o amor e a morte num período de trevas.

“... Sei que os períodos de trevas são na verdade períodos de gestação. A ansiedade, o abalo de minha geração, que a algum de vocês pode parecer simples desespero gratuito, é realmente a primeira condição do renascimento, de uma existência mais consciente.

“É dessa ansiedade que brota meu descontentamento. Eu a lanço contra todos aqueles que são pela morte. Meu filme é apenas uma carta de solidariedade aos amigos de um descontente existencial, não importa em que continente, em que nação – uma carta do coração louco do mundo insano, ENQUANTO ESPERAMOS.”

## A “Escola de N. York”

Cenas do filme *Guns of the Trees* de Jonne Mekas, exibido na seção informativa do Festival de Mar del Plata. O cineasta faz parte de um grupo no qual se incluem nomes como John Cassavetes, Robert Frank, Bert Stern e Shirley Clarke.

HERZOG, Vladimir. “Renovação do cinema propõe o grupo da ‘Escola de Nova York’”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 abr. 1962, p. 17, c. 2.